

A INDIVIDUALIDADE NO CAPITALISMO, EM ESPECÍFICO NO NEOLIBERALISMO, E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO

Hailie Freitas de Souza¹

RESUMO: O presente artigo tem como principais objetivos: (I) investigar a formação da individualidade humana em específico no contexto neoliberal, bem como propor uma abordagem materialista histórica e dialética para o problema; e (II) relacionar a individualidade com o papel do ensino no capitalismo e neoliberalismo.

Palavras-chave: individualidade; neoliberalismo; capitalismo; marxismo; educação.

INDIVIDUALITY IN CAPITALISM, SPECIFICALLY IN NEOLIBERALISM, AND ITS CONNECTION WITH EDUCATION²

ABSTRACT: The present article has as main objectives to investigate: (I) how human individualities are established in neoliberal societies as well as to propose a historic dialectical materialism approach; and (II) relate it with education's role in capitalism – specifically in neoliberal societies.

Key words: individuality; neoliberalism; capitalism; marxism; education.

Introdução.

Todos temos um nome, gênero, preferências, personalidade, todos somos únicos ainda que formados por partes comuns. Ao longo de nossas vidas, somos bombardeados por essas pequenas partes capazes de formar nosso ser — muitas vezes de formas contraditórias. Família, escola, faculdade, trabalho, amigos, religião etc., são alguns exemplos de locais onde recebemos enxurradas de partes que constantemente renovam quem somos.

Essas partes, por vezes mundialmente difundidas, aparecem de forma tão corriqueira aos olhos das pessoas que normalmente não recebem a devida atenção. A vida simplesmente acontece sem precisarmos — ou talvez podermos — pensar em como e onde essas partes do

¹ Graduanda em Filosofia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO e técnica em eletrônica pela FAETEC. Tema atual do projeto de pesquisa: Estado, ideologia e educação: problemas, limites e propostas para o ensino de filosofia e a atividade filosófica no Brasil como bolsista DPQ/UNIRIO.

² There are two different words in Portuguese to describe the education process: *educação* – in which it's the best translation of “education” in terms of spell – and *ensino*. The word *educação* in Portuguese can assume the following meaning: the process of assuring means to one be able to form knowledge and discernment of the world by oneself. On the other hand, giving skills, values, morals, beliefs, habits to one understands *ensino*. That process does not require – and it's unwanted in capitalism – to one be able to form knowledge and discernment of the world and its relations by oneself. That difference and the way capitalism uses the second mean of education to reproduce the means and conditions of production bases the central thesis of my research.

VARIA

nosso ser surgem. Ainda assim, essa não é a principal questão quando tratamos da individualidade em geral. Se as partes que formam o nosso ser estão dispostas no mundo de forma relativamente independente, quem as estão criando?

O que chamamos de “nosso ser” ou “eu” pode ser compreendido como nossa individualidade, um conjunto de características resultante do processo de obtenção de determinadas configurações de comportamento social através de exposição com o mundo exterior. O questionamento acerca de como, onde e quem cria as partes que podem formar nossa individualidade é, em primeira instância, um questionamento acerca de quem nós somos. Contudo, desde que a espécie humana adquiriu a habilidade de moldar a natureza a seu favor, nossa existência, e também nossa individualidade, se vinculou a história que criamos. Desse modo, qualquer tentativa de pensar a existência humana fora de seu contexto histórico resultará em conclusões destoantes da realidade material que estamos imersos.

A criação da individualidade.

Como Como mencionado acima, a priori podemos dizer que essas partes — agora denominadas configurações de comportamento social — estão dispostas por entre a teia de relações dos seres humanos, ou seja, o modo de produção vigente e as relações resultantes dos seres humanos entre si e com o mundo ao redor. Dessa constatação, podemos retirar a primeira informação relevante no processo de entendimento da criação dos diferentes modelos de individualidade: para gerar configurações de individualidade, os seres humanos precisam estar em condições propícias de produção de sua subsistência — isto é, precisam ter condições de satisfazer suas necessidades básicas de tal forma que haja tempo e recursos para se dedicar a criação de configurações de individualidades.

Por configurações de comportamento social, podemos entender “as menores partes que formam uma individualidade”: gostos, modos de agir socialmente, compreensão do mundo, experiências, opiniões etc. Uma vez alcançada a satisfação das necessidades básicas dos seres humanos, haverá tempo e recursos para nos dedicarmos a criação e manutenção coletiva da alma humana. Essa criação se dá, simultaneamente, por conta da satisfação das necessidades básicas permitidas em determinado modo de produção da vida humana e pelos processos de abstração que podem ser criados dentro desse modo de produção.

Faz-se necessário, então, deixar explícito que a terceira característica necessária para o surgimento de uma individualidade é a existência de um grupo humano. Não há necessidade de uma característica — ou um conjunto delas — que distingui os indivíduos se não há pluralidade.

VARIA

Além disso, o próprio processo de abstração humana depende da coletividade — é nela que são formados os conjuntos de significados que dão origem as diferentes categorias de configurações de individualidade. Dessa forma, podemos dizer que, ainda que pareça contraditório à primeira vista, a individualidade tem caráter coletivo. São essas três características (satisfação das necessidades básicas, processos de abstração e grupos humanos) que permitem o surgimento das diversas configurações de individualidade que encontramos ao longo da história.

Para visualizar esse processo de criação das diferentes configurações de individualidades, podemos pensar no seguinte exemplo: vamos supor um pequeno grupo de indivíduos com processos de abstração suficientes e que organizem espontaneamente o seu modo de produção visando a manutenção coletiva de suas necessidades. Através dos processos de abstração, esses indivíduos podem pensar o mundo de N formas — criando artes, história, receitas culinárias, vestimentas, modos de se expressar, gêneros etc. Sendo o grupo organizado coletivamente, todos podem participar na criação de toda e qualquer categoria de configuração de individualidade. Naturalmente, cada indivíduo pertencente a esse grupo será único e, ao interagir com os demais, poderá formar uma individualidade que é a soma ou subtração de todos, inclusive dele próprio.

Claramente, analisar a formação das diferentes configurações de individualidade existentes nas diferentes categorias de modos de produção não é uma tarefa simples. São muitas variáveis em cenários extremamente complexos. Tendo isso em mente, podemos dividir *a priori* as individualidades que podem ser formadas em três grupos distintos: as naturais, as artificiais, e as contra artificiais (dialéticas). Essas categorias surgem, pois, ainda que os critérios de processos de abstração e grupos humanos numericamente expressivos se mantenham constantes, o critério de satisfação das necessidades básicas sofre alterações ao longo da história no que se refere ao modo de produção vigente.

É somente quando existe a possibilidade de participação de todos os membros de um grupo com igual intensidade — em um modo de produção onde os meios de produção sejam coletivos — que a individualidade é natural e *você* pode ser *você*, pois *você* participa da criação coletiva das diferentes configurações de individualidade. Em modos de produção onde os meios sejam de alguma forma privados, não existe igualdade de possibilidades de participação, por conseguinte, a individualidade se torna artificial, pois somente um seleto grupo tem os meios para criar as diferentes configurações de individualidade, e você se torna a soma ou subtração da mente de alguns.

VARIA

Por fim, dentro de uma sociedade com um modo de produção capitalista, por exemplo, é possível que surjam problemas referentes às individualidades artificiais por conta dos constantes embates de interesses entre as classes envolvidas. Como resposta — inconsciente ou não — surgem configurações de individualidade oriundas dessa artificialidade, mas opostas a ela. Essa resposta surge de forma dialética à imposição dos modelos de individualidades artificiais criados pelas classes dominantes, mas geralmente não apresentam possibilidades concretas de romper com a dominação visto que seu surgimento ainda está atrelado de alguma forma aos modelos de individualidade artificiais.

Retomando aos exemplos, cabe esclarecer primeiro que o exemplo citado anteriormente se trata da categoria das individualidades naturais. Seguem, pois, os exemplos das demais categorias de individualidades: vamos supor, então, um grupo de sujeitos organizados no neoliberalismo. Digamos que esse grupo faça parte do proletariado. Sendo proletário, não lhes sobrarão muito tempo para um ócio produtivo — talvez nenhum. Sem tempo para o ócio produtivo, esses sujeitos não conseguem exercer sua abstração de maneira plena, portanto têm barreiras para criar quem eles podem ser. Mas é necessário ser. Nesse momento surge o neoliberalismo, por exemplo, fruto das mentes burguesas com tempo suficiente para o ócio produtivo e ganância por lucro. Essa é a oportunidade perfeita, usa-se esse recurso ou contrata-se um proletário especificamente para transformar o “ser” em um objeto comprável, enquanto inculca ao povo, por doses não tão homeopáticas, a ideia de que “assim é o correto”. Quase todas as características que formam a grande teia de individualidades tornam-se, então, perpassadas pelas mentes burguesas de tal maneira que correspondem a sua ideologia e seus ideais. Por agora, basta-nos ter em mente que esse é o exemplo mais atual de um modelo de individualidades artificiais. Conforme avançarmos no desenvolvimento dessa ideia, trataremos especificamente desse problema e de suas implicações.

Continuemos no exemplo anterior. Esse sujeito, agora dotado de individualidade artificial, certamente sentirá os efeitos colaterais desse processo maléfico, pois, ironicamente, o ser que ele é não passa de mera fantasia em um mundo igualmente fantasioso oriundo das mentes burguesas. Ainda assim, esses efeitos colaterais precisam ser tratados — ou, geralmente, remediados. Em resposta a essas necessidades, é possível que surjam novas configurações de individualidade como, por exemplo, ser adepto à vingança da hora do sono³. É claro, podem

³ No fim de 2020 e início de 2021, a imprensa brasileira veiculou matérias tendenciosas sobre a realidade dos trabalhadores chineses. Essas matérias — republicações de matérias da mídia estrangeira — contavam sobre como os trabalhadores chineses lidavam com a excessiva carga horária de trabalho. Segundo essas matérias, após doze horas de trabalho durante seis dias por semana, ao invés de descansarem, os trabalhadores chineses optavam por

VARIA

surgir configurações de individualidade onde o indivíduo sabe explicitamente a violência que está sofrendo, como se tornar anticapitalista, por exemplo. É dessa forma que se dá o modelo de individualidades contra artificiais.

A obtenção da individualidade.

Quando tratamos da criação de configurações de individualidade, estamos trabalhando com a perspectiva macroscópica do problema — sobre a regra geral pela qual individualidades acontecem independente da formação histórica em que elas estão envolvidas. Em termos microscópicos, isto é, do ponto de vista dos indivíduos, ocorre o fenômeno da obtenção/atualização de configurações de individualidades.

Não há uma etapa de escolha quando se trata da obtenção de uma configuração de individualidade e/ou atualização. Os seres humanos nascem inseridos em uma família e, ao longo de suas vidas, precisam interagir com diversos setores de seus agrupamentos para realizarem a manutenção de suas subsistências. As partes que formam as individualidades — ou seja, as configurações de individualidades — são também abstrações da mente humana presentes nas relações sociais de modo a manter uma determinada estrutura. Dessa forma, se torna inviável não se expor à criação ou atualização da sua individualidade quando se vive em uma sociedade humana.

Alguém poderia pensar que dessa forma, ainda que os seres humanos normalmente não possam evitar que sua própria individualidade seja formada, é possível moldá-la de acordo com seus gostos. Esse pensamento está duplamente errado pelos seguintes motivos: (i) só é possível tomar ciência de uma configuração de individualidade após exposição no convívio social. Dessa forma, não existe possibilidade de autonomia em relação à quais categorias de configurações de individualidade podem chegar até alguém, somente há a escolha sobre qual delas manter ou não; (ii) ainda que houvesse autonomia em relação às categorias de configurações de individualidade que chegam até nós, é impossível saber todas as configurações de individualidade que compõem um único ser, quem dirá de grupos ainda maiores. Portanto, é impossível ter controle em relação a quais configurações de individualidade somos expostos ao longo da vida — pelo menos um controle razoável.

gastar tempo tentando manter suas vidas sociais ativas. É mais um daqueles casos de “olha como o comunismo é ruim” e a explicação que segue é uma característica inerente ao capitalismo.

A individualidade no capitalismo, em específico no neoliberalismo.

Retomemos ao pensamento anterior: as configurações de individualidades serão geradas a partir das possibilidades permitidas por cada modo de produção. A consciência dos indivíduos surge em sua relação direta com os meios de produção, visto que é necessário suprir suas necessidades naturais em primeiro lugar. Dessa forma, podemos apontar uma ligação direta entre o modo como as configurações de individualidades se formam e o capitalismo. Como aponta Karl Marx:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX. 2007, p. 47).

Nessa passagem d'*A ideologia alemã*, Marx deixa explícito o modo como os modelos de individualidades mantêm íntima relação com modo de produção vigente em cada época. Para entendermos melhor a ligação entre essa passagem de Marx e a formação das configurações de individualidades no modo de produção capitalista, será de grande valia citarmos Louis Althusser e seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*.

Em seu livro, Althusser (1980) nos traz duas importantes teses acerca de como ocorre a reprodução do regime capitalista: os Aparelhos Ideológicos de Estado e a interpelação de indivíduos em sujeitos. Resumidamente, o autor, através do conceito de Infraestrutura e Superestrutura, cria o conceito de Aparelho Repressivo de Estado (ARE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), visando explicar como se dá a reprodução das condições de produção, dos meios de produção e da força de trabalho.

O Aparelho Repressivo de Estado é o próprio Estado, atuando repressivamente para garantir os objetivos da classe dominante. Ao lado do ARE, existem os Aparelhos Ideológicos de Estado. Se por um lado o ARE é o próprio Estado, composto por todos os órgãos do Estado e atua de forma majoritariamente repressiva, por outro, os AIEs em sua grande maioria não fazem parte do estado e atuam de forma majoritariamente ideológica. A unidade do ARE é assegurada pela classe no poder, nos AIEs ela é assegurada por meio da ideologia dominante.

VARIA

É através desse mecanismo formado pelo ARE e os AIEs que ocorre o processo de interpelação de indivíduos em sujeitos. Nesse processo, a ideologia dominante consegue dar significado para a existência dos indivíduos tornando-os dependentes espiritualmente de seu regime de exploração. A ideologia, dentro desse autor, pode ser entendida como a representação das relações imaginárias dos seres humanos com suas condições reais de existência. Para manter essas relações imaginárias, é necessário um processo em que os indivíduos internalizem essas relações e tenham-nas como o real. Esse processo acontece principalmente nos AIEs, é neles onde os indivíduos recebem um propósito, onde reconhecem os outros e se reconhecem como parte dessa sociedade irreal. É aqui onde os indivíduos se tornam sujeitos.

Sobre essa dinâmica de interpelação dos indivíduos em sujeitos, vale mencionar Nicos Poulantzas (2019) em seu livro *Poder político e classes sociais*, onde faz uma análise da estrutura jurídico-política encontrada em sociedades capitalistas modernas. O estado — ARE para Althusser — pode ser entendido nesse autor como o aparelho responsável pela reprodução, manutenção e organização do modo de produção capitalista, necessário para manter a coesão do regime. No caso do estado moderno, por conta da contradição entre as condições materiais de existência e o modo de produção, diversos defeitos estruturais no sistema do capital surgiram. Resumidamente, os principais defeitos estruturais do capitalismo são: a separação da produção e do controle, impondo um modelo de vida gerador de conflitos; a separação da produção e do consumo, efeito desse modelo de vida e gerador de novos problemas — como a desigual e a opressão, e a exploração catastrófica dos recursos naturais; e a sujeição ideológica totalizante, criando um mundo totalmente dependente das ideias alienadas das classes dominantes. É exatamente para o controle desses defeitos estruturais do capital que o estado surge, como uma unidade de referência, para resolver esses problemas estruturais e seus efeitos. Em todos esses aspectos, o estado tem papel importante na manutenção e legitimação dos interesses das classes dominantes.

Em síntese, essa coesão é alcançada com a criação dos efeitos de *Isolamento e Representação na unidade*: (i) no efeito de isolamento, a ideologia jurídico-política — a parte da ideologia dominante que substitui a capacidade alienante das ideologias religiosa e feudal no que diz respeito a internalizar nos sujeitos as estruturas da dominação — torna os indivíduos em sujeitos de contrato. Dessa forma, os defeitos estruturais apontados anteriormente desaparecem do ponto de vista ideológico. Visto que todos são sujeitos de contrato, não importa se o produtor direto (proletário) está separado do controle dos meios de produção (burguês) — todos os problemas gerados por isso são camuflados. Há uma alienação sobre as relações de

VARIA

produção para que essa separação não mais seja vista como algo negativo, mas sim o correto, um direito; (ii) no efeito de representação na unidade, ao passo que o estado capitalista encontra sustentação na ideologia jurídico-política, de modo a gerar o efeito de isolamento, ele também se coloca como neutro, representação do povo nação, capaz de receber a participação de todos. É claro que todos os brasileiros querem plantar soja e ter arroz e feijão mais caro para que um burguês qualquer possa vendê-los para outros países e ter mais dinheiro. Certamente eles têm o direito de fazer isso com suas terras que são fruto de invasão, saque, genocídios e estupros de nativos, pois todos sabem que o direito é legítimo.

É necessário mencionar, ainda que brevemente, essa discussão feita por Poulantzas, pois a ideologia jurídico-política é a chave quando tratamos sobre a individualidade no capitalismo. Isso porque ela é, em simultâneo, a expressão ideal de organização da sociedade capitalista e o conjunto de configurações de individualidades que moldam os sujeitos para haver coesão. O ensino dentro de uma sociedade capitalista adquiriu, ao longo de sua evolução histórica, o papel de internalizar a ideologia jurídico-política, auxiliando no processo de interpelação de indivíduos em sujeitos — mas isso é algo que será tratado posteriormente.

Retomando, é nos AIEs, bem como na ideologia jurídico-política, que se encontram os espaços onde as diversas configurações de individualidades podem ser geradas e perpetuadas. Ainda que no campo microscópico da análise se tenha a impressão de que as configurações de individualidades possam ocorrer naturalmente entre os indivíduos, em termos macroscópicos elas se originam da ideologia dominante — no nosso caso, da burguesia.

Visto que essa ideologia dominante nos interpela em sujeitos no capitalismo — isto é, nos dá uma individualidade artificial —, o terreno fértil para o neoliberalismo transformar tudo em produto já está pronto. É claro que o melhor para um artista é ter o seu trabalho conhecido por mil pessoas que podem pagar vinte mil reais do que mostrar o fruto de sua vida para todas as pessoas que demonstrarem interesse. Para quem tem apenas vinte reais, sempre existirá um serviço de filmes com um catálogo repleto de obras artificiais elaboradas tanto para lucrar quanto para nos inculcar a ideologia dominante. Se o problema for a educação dos seus filhos, sempre existirá uma boa escola em que eles poderão aprender sobre a família tradicional brasileira, os valores da moralidade cristã e a necessidade de se tornar empreendedor no século XXI — para ser explorado sem direitos trabalhistas —, basta pagar a singela quantia de meio salário-mínimo em diante, a depender no nível de (des)ensino que queira dar para suas crianças. Da mesma forma, sempre existirá uma opção feita especialmente para você no capitalismo. De fato, a variedade de configurações de individualidades criadas pelo capitalismo

VARIA

é incrivelmente vasta — da mesma forma como o conhecimento —, mas em momento algum isso significa uma maior qualidade de individualidades, especialmente para o proletariado.

Você pode ser quem você quiser, contanto que você seja algumas das opções criadas pelo mercado especialmente para você. Caso você consiga criar algo tão inédito ao ponto de ser relevante para a grande teia de produtos que formam nossas individualidades, certamente algum burguês dará um jeito de vender sua criação — seja por compra, roubo ou assassinato —, pois é assim que funciona na sociedade do capital. É dessa forma que as individualidades funcionam no neoliberalismo, em sua dualidade como produtos e dominação. O ápice da fetichização da mercadoria: a fetichização da própria existência humana. Agora, um sujeito com propósitos, gostos, desgostos, emoções, sentimentos, personalidade etc., se torna preso à grande teia do capitalismo. Eis a violência ideológica do capital, pois somente o vislumbre da possibilidade de tudo o que você é ser falso e podre é como morrer em vida e os seres humanos não querem morrer.

Como efeito dessa dominação ideológica, os indivíduos, agora interpelados como sujeitos pelo capital, se mostram tão presos a esse regime que a possibilidade de questionar sua validade e, possivelmente, iniciar espontaneamente um movimento rumo a sua superação se torna algo quase impossível. Quem em sã consciência tentaria derrubar a única coisa que sustenta a sua existência? Pois, lidar com o vazio de entender que somos um produto das mentes de alguns é algo extremamente doloroso.

A formação da individualidade no ensino capitalista e a investida neoliberal.

Com a revolução industrial e o crescente avanço tecnológico que ela proporcionou — mudança no modelo de produção —, a burguesia daquela época e local percebeu uma grande oportunidade no ensino: qualificar a mão de obra. Esse é o início do modelo de ensino como conhecemos hoje, um modelo que preza a reprodução acima da educação. O fator “reprodução” do ensino no capitalismo é tão explícito que até hoje podemos enxergar resquícios desse fato ao analisarmos a disposição de uma sala de aula — organização em fileiras, por exemplo — e traçarmos um paralelo com a organização das fábricas daquele período. Não só isso, uniformes, horários, método de ensino — reprodução —, tudo conforme a lógica do capital.

Contudo, da mesma forma como o capital avançou desde a revolução industrial até os dias atuais, a função da escola dentro desse regime também foi aprimorada cada vez mais. Se naquela época a função primária da escola era a reprodução e manutenção da força de trabalho,

VARIA

não demorou para que a escola também desempenhasse o papel de reprodução da ideologia burguesa e a cada nova etapa histórica que o capitalismo passava, essa reprodução se tornava mais e mais refinada. É dessa forma que chegamos à escola como o principal aparelho ideológico de estado — responsável pela reprodução das principais configurações de individualidades necessárias para o bom funcionamento do regime capitalista.

Para visualizar o problema, podemos pensar no seguinte exemplo: imagine uma empresa do ramo da tecnologia (modo de produção capitalista). Certamente essa empresa precisará de computadores (força de trabalho, crianças no caso do ensino) para funcionar. Quando se encomenda computadores, normalmente as fabricantes (a família) se encarregam — com o aval da empresa — de fazer as primeiras configurações, isto é, colocar um sistema operacional no computador (primeiras configurações de individualidades). Isso é essencial, mas ainda não é o suficiente para que esse computador esteja apto para uso no trabalho (viver em um modo de produção capitalista), então esses computadores, assim que chegam na empresa, são levados para o setor técnico (escola) para que os técnicos dessa empresa (professores) possam instalar os demais programas necessários para que esse computador esteja apto para o uso (moldar a individualidade dessas crianças através das configurações de individualidades necessárias que ainda faltam para o bom funcionamento do modo de produção capitalista — interpelação de indivíduos em sujeitos).

É claro, como todo exemplo, a função desse é dar uma básica ideia do que acontece nos primeiros anos da vida de ser humano. Ainda assim, comparar a lógica da vida de uma criança a uma empresa capitalista é um bom exemplo, pois é possível perceber o modo como a ideologia burguesa fabrica sujeitos para o mercado — tal qual o taylorismo e o fordismo pregavam. Infelizmente esse não é o único problema que enfrentamos quando tratamos do ensino no modo de produção capitalista.

Que o ensino está sob a vista da burguesia no Brasil, isso não é novidade — temos inclusive um certo apresentador de TV que anda perdendo audiência aos domingos pondo suas garras nele. E ele já conquistou metade do caminho, pois já pôs as garras em uma parcela significativa de famílias — com modelos pré-concebidos pelas brilhantes mentes das classes dominantes passadas e presentes — para inculcar-lhes ideias de empreendedorismo e assistencialismo que ficarão entranhadas em suas individualidades por gerações. Infelizmente, esse certo apresentador de TV sabe bem como o capitalismo e o neoliberalismo funcionam. Eis o motivo de sua cruzada rumo ao sistema de ensino, pois não há audiência na emissora do agronegócio que se equipare a um local onde crianças — cascas para individualidades —

VARIA

passam de cinco a dez horas por dia, cinco ou seis dias por semana, cerca de dez meses por ano, por pelo menos doze anos de sua vida.

Para esse certo apresentador de TV, o ensino não é SOMENTE a fábrica de mão de obra do capital, ele também é a uma das principais fábricas de “estampar” configurações de individualidades artificiais. Essas configurações de individualidade — como empreendedorismo, no caso do neoliberalismo — são responsáveis por unir regras arbitrárias do capitalismo às nossas crenças e comportamentos sociais. Isso acontece de tal maneira que essa dominação ideológica fica oculta no seio de quem somos. Eis a novidade: o ensino no neoliberalismo se torna o fetiche de seu próprio fetiche, pois compramos agora o serviço responsável por *fetichizar* nossa existência e nos transformar em uma soma ou subtração de produtos da burguesia para podermos existir.

Infelizmente, as crianças que estamos educando no sistema de ensino capitalista raramente terão os meios apropriados para fazerem filosofia sobre quem realmente são e quem podem ser. Não pela falta de competência dos educadores, ou pela falta de tempo nas escolas, mas pela base de toda a educação contemporânea e de seu sistema ser construída na superestrutura jurídico-política do estado moderno, na sociedade do capital. Exatamente o sistema de ensino, o principal mecanismo de manutenção das forças de produção e da sociedade burguesa, agora é o principal mecanismo responsável por alienar a própria existência humana rumo ao ápice da fetichização do ser humano. Não obstante, ele é igualmente fetichizado numa sádica piada onde forçam o oprimido a pagar por sua própria opressão.

As estratégias das investidas contemporâneas do capital no ensino.

Especificamente no Brasil, estamos vivendo, simultaneamente, duas frentes de ataque ao ensino: a investida neoliberal e a investida conservadora — isso não é a negação da estreita relação entre o conservadorismo e o neoliberalismo, mas uma distinção de estratégias da burguesia para manter o aparelho ideológico escolar em suas mãos. A palavra “ensino”, nesse sentido, não é a melhor expressão para explicar o fenômeno que estamos vendo, isso porque o fator comum dessas duas frentes de ataque é a tentativa de impedir a potência contida no aparelho ideológico escolar: que os educadores possam, de alguma forma, transformar o ensino *reprodutivista* do capital em uma educação que vise a emancipação daquelas crianças — quase como colocar um vírus entre os programas do exemplo citado anteriormente. Para fins didáticos, empregaremos o termo ensino durante esse trecho tendo em vista esse cenário.

VARIA

Mas por que a estratégia de investida conservadora é necessária quando temos a de investida neoliberal? Bem, é uma das contradições do capitalismo brasileiro: há a obrigação legal de garantir ensino público para aqueles que não tenham acesso ao ensino privado. Na impossibilidade legal de se privatizar o ensino público, se torna necessário impedir a possibilidade do surgimento de uma educação que vise a emancipação dentro dele. Nesse contexto, é útil realizar um “intercambio ideológico” entre algo autoritário — a instância militar do aparelho repressivo de estado — e o aparelho ideológico escolar, exatamente por conta do caráter ideológico por trás dessa instância do estado.

No dia 24 de março de 2022, o governo do estado do Rio de Janeiro, por decreto, deu início ao projeto de conversão da Fundação de Apoio à Escola Técnica do RJ — FAETEC em escolas cívico-militares. Inicialmente, o objetivo do governo era converter todas as unidades da FAETEC em escolas cívico-militares, contudo, o plano atual é que essa mudança seja gradual, começando por novas unidades. Junto à FAETEC, centenas de outras escolas pelo Brasil estão sendo anexadas ao Pecim — Programa Nacional das Escolas Cívico-militares⁴.

Da mesma forma como na revolução industrial, onde a burguesia constatou no ensino uma forma viável de fazer a manutenção das forças de produção, hoje as classes dominantes brasileiras observam na contradição do capital — obrigação legal de fornecer ensino — uma oportunidade de intensificar a interpelação de indivíduos em sujeitos. É de grande valia para a guinada à direita proposta por essa ofensiva conservadora que a parte repressiva do estado capitalista esteja inserida no sistema escolar. Para entender os motivos desse intercambio ideológico, precisamos pensar um pouco sobre o que representa a força policial dentro de um regime capitalista.

Sabemos que em todas as instâncias de uma sociedade capitalista, existem partes ideológicas responsáveis por manter a dinâmica proposta pela burguesia em funcionamento — a depender de cada caso, em formas mais simples ou complexas. Na instância policial não poderia diferir, visto que a principal função dessa parte do aparelho repressivo do estado é garantir a ordem proposta pela burguesia. A parte ideológica presente nessa instância do estado cumpre uma função essencial: interpelar pessoas para essas cometerem as maiores atrocidades em nome do estado capitalista. Parece distópico, ainda que seja real, pensar que o proletário

⁴ O Pecim — Programa Nacional das Escolas Cívico-militares, é um programa federal desenvolvido em 2019, durante o primeiro ano do governo de Jair Messias Bolsonaro, visando implantar 216 escolas cívico-militares no Brasil até o ano de 2023. A base desse programa é o gerenciamento das instituições de ensino pela ala militar do governo.

VARIA

sofra tamanha alienação a ponto de matar, roubar, espancar, etc. seus semelhantes em nome dos interesses da burguesia. Isso se dá pela potência alienante da ideologia a que são submetidos.

Tendo isso em mente, podemos dividir a investida conservadora no ensino em duas formas: a ideológica — responsável por interpelar as crianças, dando-lhes configurações de individualidades reacionárias — e a repressiva. Sobre a segunda, basta uma rápida pesquisa por notícias onde a força policial do estado combate, por agressão, professores que reivindicavam melhores condições de trabalho. Imagine o que pode acontecer quando esses mesmos professores tentarem tratar de temas progressistas como a luta pelo direito de pessoas LGBTQIA+ ou os problemas da família tradicional brasileira — questões que entram em conflito com configurações de individualidades essenciais para o bom funcionamento do estado capitalista brasileiro.

Eis a vantagem do intercambio ideológico entre a ala policial do estado e o aparelho ideológico educacional: garantir enquanto resultado o mesmo controle permitido dentro de um sistema educacional privado. No ensino neoliberal, as condições de trabalho dos professores em relação a sua possível autonomia de ensino se dão da mesma forma, a diferença é que nesse modelo educacional a repressão vem por meio do desemprego.

A constante nas investidas contemporâneas do capital no sistema educacional brasileiro é exatamente o controle desse aparelho ideológico de estado. Contudo, em termos estratégicos, precarizar o sistema de ensino público em detrimento do privado é mais vantajoso para a burguesia do que investir na estratégia conservadora, por conta de uma característica do neoliberalismo: a capacidade de assimilação⁵. Essa vantagem está contida no fato de que, a qualquer momento, o neoliberalismo pode se adaptar para não entrar em forte contradição com as demandas do proletariado. Em termos estratégicos, isso torna possível minar a possibilidade transformar o ensino reprodutivista do capitalismo em uma educação que vise a emancipação.

Agora, ao invés de manter o ensino completamente alinhado à ideologia burguesa, é possível assimilar lutas por direitos de pessoas LGBTQIA+ ou com deficiência, por exemplo. Dessa forma, essas pessoas podem pensar serem representadas na sociedade capitalista, ainda que isso não aconteça. Essa assimilação, porém, se encarrega de limitar a discussão sobre esses temas de modo que a reprodução dessa organização social se mantenha e, em simultâneo, cria diversos produtos e serviços — dentre eles a educação — para lucrar em cima do sofrimento

⁵ A estratégia de assimilação é uma tese que explorarei em momento oportuno. Em síntese, é o modus operandi do neoliberalismo no que diz respeito às suas práticas de mercado. Em termos de conflitos de classes e frações delas, essa estratégia é capaz de assimilar partes de sua ideologia em movimentos oriundos de lutas de minorias por direitos. Como resultado, a possibilidade desses movimentos entenderem a raiz dos problemas que enfrentam é reduzida enquanto suas lutas são transformadas em produtos.

VARIA

dessas pessoas. Esse, ao lado dos fatores mencionados anteriormente, são alguns dos fatores que levam o ensino privado neoliberal, a escola como uma empresa, a ser a melhor opção do ponto de vista burguês para a educação — e que também impedem uma educação que vise a emancipação e a desconstrução de características fundamentais dos modelos de individualidades artificiais criadas no capitalismo.

Afinal, quem somos dentro do capital?

Retomando à introdução desse artigo: todos temos um nome, gênero, preferências, personalidade, todos somos únicos ainda que formados por partes comuns. Mas quem somos na sociedade do capital? O que somos? O que significa a nossa vida nesse modo de produção? Ainda que haja um discurso emergente pregando que nossas vidas importam, a realidade material aponta exatamente o oposto. O que é nosso e o que é do nosso opressor?

A filosofia às vezes pode ser tão insalubre quanto a reciclagem ou a coleta de lixo, principalmente quando se trata de temas que estruturam a existência humana. Enxergar o amor, a dor, a felicidade, etc. como consequências de um modo de produção feito para manter a acumulação de riquezas de um seletivo grupo de pessoas — que usurparam o bem comum — pode dar vida a um sentimento de vazio, despersonalização e desrealização que a alma humana não está preparada para sofrer. Isso não significa que todas essas experiências que vivemos a cada dia devam ser descartadas, mas nos mostra a obsolescência programada de nossas vidas. Ainda assim, é necessário tratar desses temas sem cair nas armadilhas ideológicas do capital. Nossas vidas têm sentido, o problema está justamente em quem o está dando e qual sentido elas recebem. O que permite esse sentido é, justamente, o modo de produção em que estamos inseridos. No caso do modo de produção capitalista, o sentido das nossas vidas é a mais-valia e o consumismo.

Como disse Ariana Grande (2019) em *7 Rings*: “quem quer que tenha dito que dinheiro não resolve problemas, provavelmente não teve dinheiro o suficiente para resolvê-los. Eles dizem ‘qual você quer?’ e eu respondo ‘não, eu quero todos’. A felicidade custa o mesmo que um sapato da Louboutin” (tradução nossa)⁶. Essa é a realidade material do mundo ao nosso redor. Se até mesmo nossa existência está sendo vendida pelo mercado, o que nos resta?

⁶ “Whoever said money can't solve your problems must not have had enough money to solve 'em. They say, "Which one?" I say, "Nah, I want all of 'em". Happiness is the same price as red bottoms.”

VARIA

Bem, o que nos resta em termos de estratégia, visando a possibilidade de que algum dia possamos viver em um modo de produção que nos permita produzirmos quem somos naturalmente, é, sem dúvida, impedirmos que o atual modo de produção acabe com as nossas vidas — e o planeta — antes que seja tarde. Não há caminho ou ação individual que seja capaz de nos libertar dessa prisão espiritual. Todas as relações de opressão que vivemos atualmente mantém íntima relação com o modo de produção capitalista. Quem somos, as dores que sentimos, as felicidades, os momentos — por mais lindos que sejam —, sempre carregaram resquícios da servidão a que somos submetidos. Não se trata de jogarmos fora quem somos hoje, mas de sermos, no futuro, verdadeiramente livres, produzirmos uma vida que faz sentido, em que haja educação ao invés de reprodução, e é boa de ser vivida.

Referências bibliográficas.

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- DUARTE, Newton (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. 2ª ed. Editora Autores Associados, 2012.
- DUARTE, Newton (Org.); SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.
- GRANDE, Ariana (es) et. al. *7 Rings*. In GRANDE, Ariana. *Thank u, Next*. Nova Iorque: Republic Records, 2019. 1 CD. Faixa 10.
- LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: neoliberalismo em ataque ao ensino público*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.